Destinos e fúrias

"*Destinos e fúrias* é um triunfo."
The Washington Post

"Incrivelmente bom: preciso, lírico, rico, transformador de uma forma ao mesmo tempo mundana e épica. Groff é uma escritora original, cujos livros são ousadamente não conformistas."
The New Yorker

"Audacioso e deslumbrante. O resultado não é só deliciosamente voyeurístico como também sábio com relação aos confortos e indignidades da parceria romântica."
Los Angeles Times

"Lauren Groff rasga as costuras de um casamento aparentemente perfeito."
Vanity Fair

"Uma leitura instigante que questiona se o amor pode ser verdadeiro quando está envolto em falsidade."
People

"Só podemos ficar fascinados com a possibilidade de saber o que ocorre atrás de portas fechadas, ainda mais quando há um casal glamouroso e extremamente apaixonado do outro lado."
Marie Claire

"Frase por frase, esse romance é um puro-sangue. Se considerarmos seus truques narrativos, entretanto, é um cavalo de Troia. A simples história de um casamento em que nenhum dos parceiros de fato entende o outro é contada de forma sofisticada, subvertendo as expectativas."
Time

"Lauren Groff é uma escritora de talento raro, e *Destinos e fúrias* é um romance descaradamente ambicioso."
The New York Times Book Review

"A escrita de Groff é marcante e reveladora."
USA Today

"Essa história é uma tempestade que você torce para que não acabe: surpreendente, selvagem, com momentos de calmaria que geram expectativa para a próxima chuva."
O, The Oprah Magazine

LAUREN GROFF

Destinos e fúrias

Tradução de Adalgisa Campos da Silva

intrínseca

Copyright © 2015 by Lauren Groff

TÍTULO ORIGINAL
Fates and Furies

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
André Marinho

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Rodrigo Corral e Adalis Martinez (arte sobre trabalho original de Nathaniel Currier, fotografia de MPI/Getty Images)

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G896d

Groff, Lauren
Destinos e fúrias / Lauren Groff ; tradução Adalgisa Campos da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
368 p. ; 23 cm

Tradução de: Fates and furies
ISBN 978-85-8057-914-7

1. Romance americano. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Título.

16-30217 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Clay
[É claro]

DESTINOS

1

Do céu, uma garoa densa, como o movimento súbito de uma cortina. As aves marinhas interromperam sua afinação, o oceano ficou mudo. A iluminação acima da água esmaeceu ao cinza.

Duas pessoas vinham pela praia. Ela era loura e estilosa em um biquíni verde, embora fosse maio no Maine, e frio. Ele era alto, vívido; cintilava nele uma luz que captava o olhar e o prendia. Eles se chamavam Lotto e Mathilde.

Por um minuto observaram uma poça formada pela água do mar, repleta de criaturas espinhosas, que levantou espirais de areia ao desaparecer. Então ele segurou com as mãos o rosto dela e beijou seus lábios pálidos. Seria capaz de morrer de felicidade naquele momento. Em um devaneio, viu o mar subindo para tragá-los, descarnando-os com a língua e fazendo os ossos deles rolarem pelos molares de corais que habitam as profundezas. Se ela estivesse ao seu lado, pensou, ele flutuaria à deriva, cantarolando.

Bem, ele era jovem, vinte e dois anos, e eles haviam se casado em segredo naquela manhã. A extravagância, sob tais circunstâncias, era perdoável.

Os dedos dela descendo pelas costas dele lhe queimavam a pele. Ela o empurrou para trás, conduzindo-o para cima de uma duna coberta de vegetação, depois para baixo novamente, onde a parede de areia bloqueava o vento, onde se sentiam mais aquecidos. Por baixo do sutiã do biquíni, o arrepio assumira um tom azul lunar, e os mamilos no frio se contraíram. De joelhos agora, embora a areia fosse áspera e machucasse. Não importava. Eles estavam reduzidos a bocas e mãos. Ele arrastou as pernas dela para seu quadril, pressionou-a para baixo, cobriu-a com seu calor até que ela parasse de tremer, fez de suas próprias costas uma duna. Os joelhos esfolados da mulher estavam erguidos na direção do céu.

Ele ansiava por algo inexprimível e potente: o quê? Vestir-se dela. Imaginou viver para sempre no calor de seu corpo. As pessoas na vida dele ha-

viam se afastado uma a uma, feito dominós; cada movimento a imobilizava mais para que ela não tivesse como o abandonar. Ele imaginou uma vida de transas na praia até que se tornassem um daqueles casais de anciãos que fazem caminhadas pela manhã, que têm uma pele que mais parece uma noz laqueada. Mesmo idoso, ele a conduziria para as dunas e realizaria os próprios desejos com aqueles ossos sexy e frágeis como os de um pássaro, o quadril de plástico, o joelho biônico. Drones salva-vidas pairariam no céu, acendendo as luzes e gritando *Fornicadores! Fornicadores!* para expulsá-los dali cheios de culpa. Seria assim, para todo o sempre. Ele fechou os olhos e fez seu pedido. Os cílios dela em sua bochecha, as coxas dela em sua cintura, a primeira vez que consumavam essa coisa aterrorizante que haviam feito. Casamento era para sempre.

[Ele se planejara para uma cama decente, um ar de cerimônia: tinha roubado a casa de praia de seu colega de quarto, Samuel, onde havia passado quase todos os verões desde que tinha quinze anos, sabendo que escondiam a chave embaixo do casco da tartaruga-de-pente no jardim. Era uma casa com estampas xadrez e floral e louça de cerâmica colorida, com camadas de poeira. O quarto de hóspedes com o piscar triplo da luz do farol à noite, a praia escarpada logo abaixo. Foi o que Lotto imaginara para a primeira vez com aquela garota deslumbrante que ele esposou em feitiço. Mas Mathilde tinha razão em pleitear a consumação ao ar livre. Ela sempre tinha razão. Logo ele ficaria sabendo.]

Terminou muito depressa. Quando ela gritou, as gaivotas escondidas pela duna dispararam em direção às nuvens baixas. Mais tarde, ela mostraria ao marido a escoriação causada pela fricção da oitava vértebra contra a concha de um mexilhão enquanto ele metia de novo e de novo. Os dois estavam com os corpos tão colados que, quando riram, a risada dele vinha da barriga dela, e a dela saía da garganta dele. Ele beijou-lhe as maçãs do rosto, a clavícula e a parte pálida do pulso com veias azuis, que pareciam raízes. Aquela terrível fome, que ele achou que seria saciada, não foi. O fim estava aparente no começo.

— Minha esposa — disse. — Minha.

Talvez em vez de vesti-la, ele pudesse engoli-la inteira.

— Ah, é? — respondeu ela. — Certo. Porque sou uma posse. Porque minha família real me trocou por três mulas e um balde de manteiga.

— Amo seu balde de manteiga — comentou ele. — Agora é *meu* balde de manteiga. Tão salgada. Tão doce.

— Pare — pediu ela. Perdera o sorriso, tão tímido e constante que deixara o marido espantado de vê-la de perto sem um. — Ninguém é de ninguém. Fizemos algo grandioso. É novidade.

Pensativo, ele olhou para ela e mordeu com delicadeza a ponta do seu nariz. Ele a amara com todas as forças durante aquelas duas semanas e, amando tanto assim, a considerara transparente, um prato de vidro. Através dela ele conseguia rapidamente ver sua bondade. Mas vidro é algo frágil, portanto ele teria que ser cuidadoso.

— Você tem razão — disse ele; pensando "Não", pensando em quão profundamente pertenciam um ao outro. Sem dúvida.

Entre a pele dele e a dela havia o menor dos espaços, mal cabia ar, mal cabia a camada de suor que começava a esfriar. Mesmo assim, uma terceira pessoa, o casamento dos dois, se insinuara ali.